

Novas agendas e novas abordagens sociológicas

Fabrício Monteiro Neves*

Joaze Bernardino-Costa**

& Luís Augusto Sarmiento Cavalcanti de Gusmão***

* Fabrício Monteiro Neves é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. <fabriciomneves@gmail.com>.

** Joaze Bernardino-Costa é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. <joazebernardino@gmail.com>.

*** Luís Augusto Sarmiento Cavalcanti de Gusmão é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. <gusmao56@gmail.com>.

Os temas sobre os quais a sociologia se debruça encontram-se, na maior parte das vezes, com os processos sociais que lhes são contemporâneos. É claro que em determinados contextos sócio-históricos, certos temas eram impedidos de investigação e outros eram artificialmente incluídos na agenda científica do momento, ao sabor, muitas vezes, do governo no poder. Atualmente, a temática tecnológica e o tema dos mercados culturais se destacam na agenda contemporânea global e se fazem notar cotidianamente de forma intensa, promovendo transformações nos mais resistentes âmbitos da vida. Estes dois temas estão articulados no dossiê, “Tecnologia e mercados culturais”, que abre o volume 34 da *Sociedade e Estado*, organizado pelos professores Elder Maia Alves e Sayonara Leal.

Além dos textos que compõem o dossiê, apresentados pelos organizadores, neste número da *Sociedade e Estado* há a seção de artigos avulsos, na qual se destacam temas também caros à agenda social contemporânea, como neoliberalismo, judicialização da educação e reserva de vagas para pessoas negras em concurso público docente nas universidades federais. Nesta mesma seção, trazemos ainda temas teóricos importantes para a agenda sociológica brasileira, como a teoria marxista da dependência e Gilberto Freyre. Na sequência, trazemos uma aula magna da professora Denise Jodelet, da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess/Paris), proferida no Departamento de Sociologia da UnB.

O estudo que abre a seção avulsa deste volume, de autoria dos professores Luiz Mello e Ubiratan Pereira de Resende, é “Concursos públicos para docentes de universidades federais na perspectiva da Lei 12.990/2014: desafios à reserva de vagas para candidatas/os negras/os”. O estudo está embasado em trabalho empírico de fôlego, compilando e analisando mais de três mil editais de concursos para docentes de 63 universidades federais, buscando observar a efetividade da Lei 12.990/2014

na inclusão de negras/os nas universidades federais. A conclusão é um percentual inferior a 5% destinado a negras/os, em um período no qual foram ofertadas mais de 15 mil vagas, contrariando manifestações de órgãos do governo federal e do Poder Judiciário, no sentido de que o percentual de 20% para negras/os fosse cumprido, inclusive nos concursos para docentes.

O texto seguinte relaciona os temas da judicialização, educação e, como o artigo anterior, inclusão. No texto, “Judicialização da educação: regime de colaboração e rede de proteção social da criança e do adolescente”, Rafaela Reis Azevedo de Oliveira e Beatriz de Basto Teixeira analisaram as ações da Promotoria da Infância e Juventude e dos Conselhos Tutelares para a garantia do acesso à educação infantil no município de Juiz de Fora (MG), tramitadas entre 2009 e 2014. O estudo aponta para a dificuldade do município em garantir o acesso à educação infantil (principalmente creches); para a falta de efetividade da rede de proteção social da criança e do adolescente; bem como para o movimento de (des)judicialização da educação.

O terceiro texto, de Daniel Pereira Andrade – “O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais” –, revisa os principais argumentos contrários à utilização do conceito de neoliberalismo nas ciências sociais, debate retomado sobretudo a partir dos anos 2000. O autor defenderá seu uso a partir de sua importância estratégica, sobretudo para os movimentos sociais definirem políticas convergentes. Além disso, o autor nos lembra em seu texto que o neoliberalismo não existe em estado puro, ao contrário, ele se relaciona de forma híbrida com outras formações sociais, deixando muitas vezes a descoberto suas fissuras e contradições em constelações singulares, o que abre espaço para novas formas de organização social e política.

Em “Gilberto Freyre e o Brasil Meridional”, Amurabi Oliveira analisa o modo como Gilberto Freyre incorpora o Brasil Meridional em sua interpretação da cultura brasileira e em seu diálogo com intelectuais do Sul do Brasil. Para o autor, este duplo movimento insere-se no projeto intelectual de Freyre de valorização da província, articulando a ideia de região à de unidade nacional, de base cultural lusitana e católica. Concomitantemente, Oliveira mostra que a crítica dirigida ao autor de *Casa Grande & Senzala* – de que ele apenas teria generalizado para o Brasil um modelo interpretativo que se aplicaria a uma região, o Nordeste – não se sustentaria.

Por fim, o artigo que encerra esta seção – “Do *dependentismo* à teoria marxista da dependência: uma síntese crítica desta transição” –, de autoria de Raphael Lana Seabra, retoma também um importante debate teórico nas ciências sociais, a saber, a discussão sobre a teoria da dependência. O autor – que ressalta a formação e

a contribuição da vertente marxista da dependência elaborada por André Gunder Frank, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini – argumenta que a transição do debate sobre a dependência ao campo marxista, elevou-o ao *status* de teoria, ao articulá-lo ao referencial teórico-metodológico iniciado por Marx.

A aula magna da professora Denise Jodelet, da École des Hautes Études en Sciences Sociale (Ehess/Paris), “Abordagem psicossociológica sobre ameaças e seus usos sociais”, proferida no Departamento de Sociologia da UnB, inaugura um novo campo de investigação para as ciências sociais, qual seja, o das “ameaças sociais”. No texto, o conceito de “ameaça” refere-se a fenômenos que envolvem vulnerabilidades sociais e um acúmulo de eventos perturbadores, que provocam sentimentos de abalo e atordoamento. Tal conceito, no entanto, deve ser considerado diferente do de risco, ao qual muitas vezes é associado, em geral como sinônimo.

Como de praxe, a edição é finalizada com resenhas e a tradicional seção de resumos das teses e dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (PGSOL). A primeira resenha, “Perdidos na mudança?”, escrita por José Costa Júnior é sobre o último livro de Sérgio Abranches, *A Era do Imprevisto: a grande transição do século XXI*, lançado em 2017. A segunda, de autoria de Everton Garcia da Costa, “Os estudos sociais da ciência e tecnologia na contemporaneidade”, versa sobre o livro *Investigações contemporâneas em estudos sociais da ciência e tecnologia*, lançado em 2015, organizado por Adriano Premebi-da, Fabrício Neves e Tiago Duarte.

Boa leitura!